

## RESENHA DO LIVRO SOMOS MAQUIAVÉLICOS

### REVIEW OF THE BOOK SOMOS MAQUIAVÉLICOS

Rafael Nunes Rosa<sup>1</sup> (UEMS)

**Resumo:** A resenha aborda o livro *Somos Maquiavélicos*, escrito por Júlio Pompeu. Neste texto, o autor faz uma análise sobre a obra *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel, apontando possíveis releituras do livro clássico. A obra está dividida em seis capítulos: *A verdade efetiva das coisas*; *Natureza humana*, *Desejos*; *Virtú*; *Os fins justificam os meios*; *Política*. Para escrever a resenha, foram utilizadas técnicas de leituras como fichamentos, fontes bibliográficas de outros autores que o próprio Pompeu menciona no corpo do seu livro.

**Palavras-chave:** Releitura. Maquiavel. Júlio Pompeu.

**Abstract:** *The review approaches the book *Somos Maquiavélicos*, written by Júlio Pompeu. In this text, the author analysis the work *The Prince* by Nicolau Maquiavel, and he points out possible re-readings of the classic book. The work is divided into six chapters: *A verdade efetiva das coisas*; *Natureza humana*, *Desejos*; *Virtú*; *Os fins justificam os meios*; *Política*. In order to write the review, techniques of reading were used like files, bibliographical sources of other authors that Pompeu mentions in his book.*

**Keywords:** *Rereading. Maquiavel. Júlio Pompeu.*

POMPEU, Júlio. **Somos maquiavélicos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 208p.

O livro “Somos Maquiavélicos” de Júlio Pompeu, lançado em 2011, vem inovar o debate acadêmico ao revelar sobre um olhar provocativo elementos substanciais do clássico livro de Nicolau Maquiavel “O Príncipe”. O autor afirma em seu enredo a premissa de que “somos maquiavélicos” em diversos sentidos. A obra está dividida em seis capítulos: *A verdade efetiva das coisas*; *Natureza humana*; *Desejos*; *Virtú*; *Os fins justificam os meios* e *Política*. Por fim é apresentado um contexto histórico da época de Maquiavel. Podemos observar já na parte introdutória que o autor desenvolve seu texto atacando três eixos centrais: a primeira sobre as coisas tangíveis (uma forma de pensar a política); a segunda relacionada às características da natureza do homem (desejo); e a terceira e última parte sobre a virtude (sorte) que seria uma deusa atraída ou não pelas ações humanas.

No primeiro capítulo, o autor descreve essencialmente o perfil de Maquiavel como alguém não idealista e pelo contrário, o vê como um homem que se fundamenta nos

---

<sup>1</sup>Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá. Graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Metrando em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGEDU/UEMS).

ROSA, Rafael Nunes. Resenha do livro **Somos Maquiavélicos**.

fatos e por isso “na verdade efetiva das coisas” ao invés de pensar no ideal, escreve sobre o mundo real. Além disso, aponta que no livro *O Príncipe*, Maquiavel dissecou e demonstra a “natureza do homem”, criando uma nova forma de pensar a partir do desenvolvimento de um método próprio, sendo isso um dos motivos do seu texto ganhar valor de generalidade e perdurar mesmo depois de séculos como obra clássica.

O segundo capítulo aborda a “natureza humana”, o que na interpretação de Pompeu, Maquiavel discorda de Rousseau e Hobbes, caracterizando que o primeiro pensava que o homem seria bom por natureza, entretanto, a sua vivência na sociedade o corromperia, já o outro pensador entende que o homem seria mau por essência e o Estado poderia fazê-lo encontrar a razão. Maquiavel teria uma visão mais abrangente apontando que o homem não é mau nem bom, ele apenas age movido por seus desejos e afirma que todos somos seres “desejantes”. Seria possível entender na visão de Pompeu que Maquiavel era “realista” em quanto Hobbes “otimista” e Rousseau “ingênuo”.

No capítulo terceiro, entenderemos, segundo Pompeu, o porquê para Maquiavel todos são ambiciosos e, nessa perspectiva, isso explica o motivo de vivermos como eternos insatisfeitos, frustrados na medida em que nunca estaremos saciados, pois, trabalhamos arduamente no intuito de possuir um objeto específico ou mesmo objetivos mais substanciais como concluir uma graduação e no momento que estamos de posse dessas realizações, elas já não são coisas desejantes como antes se imaginava e, neste momento elegemos novos desejos. É incomum desejarmos o que temos, sendo assim é necessário conquistar coisas as quais não possuímos, desta maneira transferimos valor ao que nos falta. De acordo com Pompeu, Descartes imaginava que o homem realiza ações movidas pelas paixões do corpo, todavia, o espírito é capaz de pensar racionalmente e se desviar dos vícios das paixões. Com efeito, Maquiavel dirá que os homens desejam em espírito e realizam com o corpo, ou o contrário, a vida não seria um conflito entre *Razão e o Corpo*, mas, uma guerra entre o *desejo humano e a Fortuna*. Afirma que só desejamos o que de certa forma seja mais provável realizar, pois, quando esse feito está distante ou impossível de ser executado nos defendemos em um discurso de não desejo, pela inviabilidade de tal objetivo e não porque realmente deixamos de desejar-lo. Pois bem, perceba que somos desejantes em proporções que podemos concluir nossos desejos.

ROSA, Rafael Nunes. Resenha do livro **Somos Maquiavélicos**.

O homem virtuoso é apresentado no capítulo quarto. Para Maquiavel, diferentemente de Platão, pensa no homem bom como àquele que segue as leis feitas pelos filósofos; a virtude é como um conflito entre razão e desejo, sendo que o resultado será bom quando obtiver o desejado, no tocante que, o homem adquire a virtude pelas necessidades e seus interesses, num movimento constante entre quedas e superações. Virtuoso seria o homem que procede com cautela, levando em conta as probabilidades, articulando bem seus aliados, sabendo usar a força quando preciso, mas, diplomático e sutil quando as circunstâncias pedirem. Essas qualidades seriam responsáveis por metade do sucesso almejado, entretanto, sem elas seria impossível atrair a “Sorte” (deusa *Fortú*), esta que acompanha os destemidos, sagazes e dispostos a trilhar o caminho por mais dispendioso que seja para alcançar o desejado.

O quinto capítulo, “Os fins justificam os meios”, segundo o autor acabou sendo mal lido ou interpretado, na medida em que para Maquiavel o homem possui uma natureza e age por necessidade ou ambição (que seria o desejo). No primeiro caso pode se pensar em alguém sendo atacado por um animal feroz e para se livrar de tal fera o mata. Ele não foi livre para escolher, pois, sua necessidade era manter-se vivo e por isso “os meios” foram matar o animal. Em um segundo caso, quando queremos comprar um apartamento em Copacabana, compramos, pois somos seres livres/desejamos, até porque o desejar é inerente ao ser humano que vive em sociedade. Contudo, o príncipe/governante deve medir “os meios” para realizar seus desejos e isto se chama responsabilidade – prudência, na medida em que suas decisões atingem seus súditos, que podem aprovar ou reprovar tais ações. “A ética de Maquiavel é a dos resultados” (2011, p. 133).

Na concepção de Pompeu, Maquiavel admirava a República como forma de governo eficaz, pautando este modelo no que foi a organização republicana de Roma. No entanto, quando Maquiavel escreve o momento histórico pedia um Príncipe para unificar a região, onde atualmente é o território italiano. Começa o sexto capítulo sobre a *Política* demonstrando a dinâmica do seu funcionamento, podendo funcionar ou não os regimes políticos governados por príncipes, pela nobreza ou com o povo, colocando como elemento primordial a prudência. O governante na república, que segundo Maquiavel é o sistema com maior possibilidade de prosperar, tendo alguém virtuoso no comando, este príncipe necessita saber manter, para o povo, a *liberdade e igualdade* por meios de leis, e se for requerido

ROSA, Rafael Nunes. Resenha do livro **Somos Maquiavélicos**.

também à força. Sabendo que a *fortú* sempre vence no final, até porque as instituições humanas não são eternas, o governante hábil controla o máximo possível o acaso, tencionando os limites ao povo, aos nobres o uso de força para com os mesmos, cuidando para não despertar ódio nos seus súditos e ao mesmo tempo ser temido.

Júlio Pompeu, mesmo em poucas páginas, consegue demonstrar a essência do pensamento de Nicolau Maquiavel, quando fala de um ser concreto que diferentemente de outros autores não imputa maldade ou bondade no indivíduo, mas, escreve sobre um homem “real”, esse que vive e age motivado por suas paixões. Para atingir seus desejos, os homens fazem o possível. Podemos compactuar com a visão do autor, quando entende que Maquiavel não fez apenas apontamentos de como chegar ou manter-se no poder a um Príncipe, entretanto, descreve a natureza de um homem que existe de maneira palpável.

“Somos Maquiavélicos” lança um novo olhar sobre o pensamento de Maquiavel, apontando aspectos substanciais da visão do autor, sendo desta maneira indispensável para compreender as particularidades da vida em sociedade e o que leva os indivíduos agir de uma ou de outra maneira. Pompeu demonstra, em seu trabalho, que para Maquiavel o homem tomava decisões mediante dois fatores: por necessidade que leva primordialmente o fato de subsistência e ambição, a qual pode ser nutrida depois que as condições elementares de vida estejam garantidas. Na atualidade, devido a vários fatores somos levados a compreender que fazer algo por interesse é ferir a “ética”, faltar com a “moral” e, principalmente no Brasil assumir que a conduta praticada é determinada por desejos, sendo a maioria esmagadora da população religiosa e hegemonicamente cristã, soa como inaceitável para os “bons costumes”, porém, esse livro não se propõe a valorar as ações do homem, assim como Maquiavel não teve por objetivo dizer o que era o “bem e mal”, todavia, desmistificou que o homem é um ser desejante e não há nada de reprovável nisso.

Recebido em 21/09/2017

Aprovado em 19/01/2018